

Documentos

Maio, 2007

68

ISSN 1677-9274

Pequeno Manual para Escrita de Artigos Científicos: Estrutura Textual, Dicas e Compêndio Gramatical





*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Informática Agropecuária
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1677-9274
Maio, 2007

Documentos 68

Pequeno Manual para Escrita de Artigos Científicos: Estrutura Textual, Dicas e Compêndio Gramatical

Roberta Roque Baradel
Luciana Alvim Santos Romani

Campinas, SP
2007

Embrapa Informática Agropecuária
Área de Comunicação e Negócios (ACN)

Av. André Tosello, 209

Cidade Universitária "Zeferino Vaz" – Barão Geraldo

Caixa Postal 6041

13083-970 – Campinas, SP

Telefone (19) 3789-5743 – Fax (19) 3289-9594

URL: <http://www.cnptia.embrapa.br>

e-mail: sac@cnptia.embrapa.br

Comitê de Publicações

Adriana Farah Gonzalez (secretária)

Ivanilde Dispato

José Iguelmar Miranda

Kleber Xavier Sampaio de Souza (presidente)

Marcia Izabel Fugisawa Souza

Sílvio Roberto Medeiros Evangelista

Stanley Robson de Medeiros Oliveira

Suplentes

Laurimar Gonçalves Vendrusculo

Maria Goretti Gurgel Praxedes

Supervisão editorial: *Área de Comunicação e Negócios (ACN)*

Normalização bibliográfica: *Marcia Izabel Fugisawa Souza*

Editoração eletrônica: *Área de Comunicação e Negócios (ACN)*

1ª. edição on-line - 2007

Todos os direitos reservados.

Baradel, Roberta Roque.

Pequeno manual para escrita de artigos científicos: estrutura textual, dicas e compêndio gramatical / Roberta Roque Baradel, Luciana Alvim Santos Romani. – Campinas : Embrapa Informática Agropecuária, 2007.

45 p. : il. – (Documentos / Embrapa Informática Agropecuária ; 68).

ISSN 1677-9274

1. Redação técnica. 2. Redação científica. 3. Artigo científico. I. Título. II. Romani, Luciana Alvim Santos. III. Série.

CDD – 808.0665 (21st. Ed.)

Autoras

Roberta Roque Baradel

Bacharel em Linguística, Estagiária da
Embrapa Informática Agropecuária, Caixa
Postal 6041, Barão Geraldo
13083-970 - Campinas, SP.
e-mail: roberta@cnptia.embrapa.br

Luciana Alvim Santos Romani

Mestre em Ciência da Computação,
Pesquisadora da Embrapa Informática
Agropecuária, Caixa Postal 6041,
Barão Geraldo
13083-970 - Campinas, SP.
e-mail: luciana@cnptia.embrapa.br

Apresentação

O presente documento, apresentado em primeira versão no formato de apostila, foi elaborado objetivando auxiliar pesquisadores e estagiários a redigirem artigos científicos.

O artigo científico é um gênero discursivo particular que tem a função de divulgar, por meio de publicação à comunidade acadêmica, os resultados de pesquisas científicas. Nele e, como em todo gênero discursivo, há uma série de exigências formais e de recursos estilísticos que contribuem para a boa redação. Dominar essas exigências e recursos garante a produção de um texto de qualidade que cumpre os objetivos de divulgação e replicação do conhecimento hermético produzido pela academia.

Sabe-se, entretanto, que nem sempre isso é tarefa fácil ou prazerosa e redigir um artigo científico de maneira inadequada pode afetar diretamente a divulgação científica.

Pensando nisso, e nas possíveis dificuldades existentes na escrita desse gênero, este documento traz algumas diretrizes iniciais, que podem auxiliar a redação, à medida que apresenta um pequeno compêndio gramatical e algumas noções básicas de conteúdo, planejamento e confecção de artigos científicos.

Eduardo Delgado Assad
Chefe-Geral

Sumário

Introdução.....	9
Estrutura Textual.....	10
Recursos Lingüísticos.....	12
Tópicos Gramaticais.....	17
Relação Autor - Leitor.....	41
Refacção Textual.....	43
Considerações Finais.....	44
Referências Bibliográficas.....	45
Bibliografia Complementar.....	45

Pequeno Manual para Escrita de Artigos Científicos: Estrutura Textual, Dicas e Compêndio Gramatical

Roberta Roque Baradel
Luciana Alvim Santos Romani

Introdução

Este documento pretende demonstrar como teoria, prática e reflexão podem ser úteis e eficientes à divulgação científica. Na seção Estrutura Textual há uma breve noção dos tipos de textos e gêneros de discurso, enfocando o artigo e suas etapas de planejamento. Em seguida apresenta-se os Recursos Lingüísticos, (*Coesão, Coerência e Encadeamento de idéias*) que garantem um texto claro e objetivo.

A reflexão sobre a Relação Autor - Leitor permite que o pesquisador se sensibilize no ato da escrita e construa um texto que atinja o público-alvo a que se destina. Na parte de Tópicos Gramaticais, são apresentados os erros mais comuns e fixadas algumas regras gramaticais, já que um texto acadêmico de qualidade não deve conter erros dessa natureza.

Por fim, e com o intuito de pôr em prática as noções introdutórias abordadas aqui, discute-se brevemente as etapas e os subsídios para a Refacção Textual e os processos e ações peculiares a ela. Há ainda, para finalizar, a sugestão de algumas referências para possíveis consultas.

Espera-se que ao longo do documento os autores possam minimamente rever os conceitos necessários à confecção de um artigo científico, sanar eventuais dúvidas gramaticais e ainda utilizar alguns dos pressupostos aqui expostos para otimizar o produto da divulgação científica.

Estrutura Textual

Há uma infinidade de gêneros textuais disponíveis hoje, cada um deles composto de uma maneira peculiar e destinado a um determinado tipo de público-alvo. Estas diferenças de composição é que caracterizam os textos a que temos acesso, assim a estrutura de um romance é diferente da estrutura de um editorial de jornal, que por sua vez difere de uma dissertação produzida no ambiente escolar e por aí afora.

Dentro dos objetivos deste documento, é preciso abordar brevemente os tipos de estrutura textual que visam a divulgação dos resultados de novas pesquisas e/ou descobertas e que são mais praticados e próximos da comunidade científica. Assim trataremos, a seguir, de três gêneros discursivos: o ensaio, a nota de pesquisa e o artigo, sendo que, nos deteremos mais no último.

O ensaio é um texto de análise e questionamento sobre modelos teóricos existentes, incluindo a elaboração de hipóteses para futuras pesquisas. Apresentado de maneira breve, o ensaio defende um ponto de vista por meio de um texto objetivo, metódico e estruturado dirigido mais a assuntos didáticos e críticas oficiais.

As notas de pesquisa, por sua vez, apresentam relatos preliminares, mais curtos e incipientes do que um artigo, enfatizando hipóteses, progressos e dificuldades de pesquisas em andamento, comentando fontes, métodos e técnicas utilizados. Geralmente elas podem ser pontos de partida para a elaboração de um artigo ou de uma tese.

Já os artigos são contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados ou generalizados. Diferentemente da estrutura textual que constitui os outros dois gêneros, o artigo apresenta uma estrutura formal que comporta além do resumo e das palavras-chaves, seis divisões: Introdução, Objetivos, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões ou Considerações Finais. No entanto, a depender do formato exigido pelos congressos, essa divisão pode ser ligeiramente alterada e às vezes dois itens podem ser condensados em apenas um, mas no geral, as informações que devem constar em um artigo devem sempre seguir a estrutura da divisão ortodoxa.

O ideal é que todas estas partes estejam interligadas e, em conjunto, consigam mostrar ao leitor a posição/motivação do problema, as hipóteses relacionadas, os dados e as formas de análise e finalmente o que é possível concluir.

O que cada parte do artigo deve conter

Na maioria dos casos, a estrutura textual ortodoxa do artigo deve ser dividida em seis partes¹ (sem contar o resumo e as palavras-chave). O Resumo deve conter uma apresentação concisa dos pontos relevantes do texto e deve identificar claramente os objetivos, os procedimentos utilizados e as conclusões do trabalho. As Palavras-Chave, que devem variar entre três e seis, representam a temática tratada no trabalho e servem para informar, de maneira rápida e objetiva, quais os assuntos abordados no artigo.

A Introdução, por sua vez, deve apresentar as idéias iniciais do trabalho e de seu desenvolvimento, de modo a localizar o leitor no contexto de produção da pesquisa e de seus resultados. Em seguida, os Objetivos devem demonstrar, de forma clara e concisa, os objetivos da pesquisa e as possíveis hipóteses atreladas a ele.

A divisão Material e Métodos deve apresentar, de maneira sistemática, a fundamentação teórica e os passos que guiaram a obtenção dos resultados da pesquisa. Uma vez apresentados os métodos para obtenção dos resultados, deve-se discuti-los tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático; essa discussão se encaixa na divisão dos Resultados.

No espaço reservado à Discussão, e uma vez apresentados os métodos para obtenção dos resultados, o autor do artigo deve discuti-los tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. Em alguns congressos as duas divisões Resultados e Discussão são condensadas em apenas uma.

Por fim, a divisão Conclusões ou Considerações finais, deve retomar, de maneira sintética, as etapas lógicas previamente apresentadas e indicar, a partir da discussão de resultados, as conclusões e a validade dos processos indicados na pesquisa.

Para que o conteúdo dessas divisões esteja adequado é preciso cumprir algumas etapas para construção do artigo. Previamente o ideal é que se conheça a literatura específica que fala do assunto propriamente dito ou que se relaciona propriamente a ele. Em seguida, é preciso analisar os fatos e as questões que se propõe, refletindo assim sobre o conteúdo que será investigado ou constatado. Por fim vale a pena expor o ponto central analisado as abordagens teóricas conhecidas e a partir disso, discutir os novos resultados e conclusões obtidos.

¹ Vale lembrar que essa estrutura pode variar de acordo com o meio de veiculação a que se submete o artigo. Por vezes alguns congressos ou revistas possuem indicações peculiares quanto a estas divisões.

Ainda para melhor planejar a escrita do artigo e para garantir que cada uma das partes conterá as informações que lhe cabem, vale a pena fazer uma sistematização, que pode ser em forma de fluxograma ou de tópicos hierárquicos. A sistematização geralmente auxilia o pesquisador na hora de separar e delimitar as idéias e as informações que comporão o artigo, ajudando também a relacioná-las de forma coerente e progressiva.

Lembre-se que ao escrever um artigo científico você está produzindo um tipo de conhecimento que surge da necessidade de se encontrar soluções e de sanar problemas ou questionamentos, mediante a utilização de procedimentos metodológicos. Indique ao leitor de seu artigo científico qual é o problema a ser investigado, qual o estudo que você fez a partir de tal problema e quais as possíveis novas alternativas/tecnologias propostas.

Recursos Lingüísticos

Neste tópico veremos três recursos lingüísticos capazes de conferir ao texto unicidade, clareza e fluência de leitura, são eles *a coesão, a coerência e o encadeamento lógico de idéias*.

A **Coesão Textual** é uma articulação entre as várias partes do texto, um processo que permite que se recupere tanto termos já referidos em outras frases e outras seqüências textuais, quanto idéias já introduzidas. É essa articulação, também chamada de rede de relações, que responde pelo sentido geral do texto, assim, as marcas coesivas permitem ao leitor se orientar pelo caminho da leitura, facilitando a compreensão geral do texto e das idéias nele contidas.

A Coerência Textual é uma exigência de estabelecer sentido ao texto, de investir na progressão de idéias e no desenvolvimento de raciocínio lógico, ou seja, a coerência textual permite construir uma unidade semântica que construa um texto progressivo e sem contradições, um texto que traga informações compatíveis com os dados da realidade e com o auditório a que ele se destina. Diretamente relacionado à coerência textual, está o Encadeamento lógico de idéias, que garante ao texto clareza e adequação de termos e idéias, garantindo uma progressão na leitura e uma seqüência bem dividida com início, desenvolvimento e conclusão.

No exemplo 01, transcrito a seguir, há um texto de João Baptista Villela, extraído da revista Veja (25 set. 1985), citado por Fiorin & Savioli (1995). Nele é possível encontrar linhas argumentativas e recursos coesivos.

Exemplo 01

Um argumento cínico

(1) Certamente nunca terá faltado aos sonegadores de todos os tempos e lugares o confortável pretexto de que o seu dinheiro não deve ir parar nas mãos de administradores incompetentes e desonestos. (2) Como pretexto, a invocação é insuperável e tem mesmo a cor e os traços do mais acendrado civismo. (3) Como argumento, no entanto, é cínica e improcedente. (4) Cínica porque a sonegação, que nesse caso se pratica não é compensada por qualquer sacrifício ou contribuição que atenda à necessidade de recursos imanente a todos os erários, sejam eles bem ou mal administrados. (5) Ora, sem recursos obtidos da comunidade não há policiamento, não há transportes, não há escolas ou hospitais. (6) E sem serviços públicos essenciais, não há Estado e não pode haver sociedade política. (7) Improcedente porque a sonegação, longe de fazer melhores os maus governos, estimula-os à prepotência e ao arbítrio, além de agravar a carga tributária dos que não querem e dos que, mesmo querendo, não têm como dela fugir - os que vivem de salário, por exemplo. (8) Antes, é preciso pagar, até mesmo para que não faltem legitimidade e força moral às denúncias de malversação. (9) É muito cômodo, mas não deixa de ser, no fundo, uma hipocrisia, reclamar contra o mau uso dos dinheiros públicos para cuja formação não tenhamos colaborado. (10) Ou não tenhamos colaborado na proporção da nossa renda.

Comentários

1º período: o autor começa a desmontar o argumento dos sonegadores por meio da expressão “confortável pretexto”.

2º período: o autor admite como pretexto a justificativa dos sonegadores.

3º período: o conectivo “no entanto” introduz uma argumentação contrária, dizendo que a justificativa é cínica e improcedente.

4º período: por meio do conectivo “porque” ele diz a causa pela qual considera cínico o argumento dos sonegadores.

5º período: o conectivo “ora” dá início a uma argumentação contrária à idéia de que o Estado possa sobreviver sem arrecadar impostos e sem se prover de recursos.

6º período - o conectivo “e” introduz um segmento que adiciona um argumento ao que se afirmou no período anterior.

7º período - depois de demonstrar que o argumento dos sonegadores é cínico, o autor passa a demonstrar que é também improcedente, o que já foi afirmado no terceiro período. É usado o conectivo “porque” para isso. Mais adiante o conectivo “além de” introduz um argumento a mais a favor da improcedência da sonegação.

8º período - o autor usa dois conectivos: “antes” e “até mesmo” que reforçam sua argumentação.

9º período - o conectivo “mas” estabelece a contradição das duas argumentações (dos sonegadores e do autor).

10º período - o conectivo “ou” inicia uma passagem que contém uma alternativa que caracteriza ainda a atitude hipócrita dos sonegadores.

Agora que já definimos os recursos lingüísticos, alguns recursos coesivos são exemplificados a seguir a fim de ilustrar o uso de diferentes estratégias para articulação de idéias. Começemos pela **relação dos principais elementos de coesão**²:

- 1) Uso de '**assim**', '**desse modo**': tem um valor exemplificativo e complementar. A seqüência introduzida por eles serve normalmente para explicitar, confirmar ou ilustrar o que se disse antes.
*Ex.: O Governador resolveu não se comprometer com nenhuma das facções em disputa pela liderança do partido. **Assim**, ele ficará à vontade para negociar com qualquer uma que venha a vencer*
- 2) Uso de '**e**': anuncia o desenvolvimento do discurso e não a repetição do que foi dito antes; indica uma progressão que adiciona, acrescenta, algum dado novo. Se não acrescentar nada, constitui pura repetição e deve ser evitada.
Ex.: Tudo permanece imóvel e fica sem se alterar.
- 3) Uso de '**ainda**': serve, entre outras coisas, para introduzir mais um argumento a favor de determinada conclusão, ou para incluir um elemento a mais dentro de um conjunto qualquer.
*Ex.: O nível de vida dos brasileiros é baixo porque os salários são pequenos. Convém lembrar **ainda** que os serviços públicos são extremamente deficientes.*
- 4) Uso de '**aliás**', '**além do mais**', '**além de tudo**', '**além disso**': introduz um argumento decisivo, apresentado como acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final no argumento contrário.
*Ex.: Os salários estão cada vez mais baixos porque o processo inflacionário diminui consideravelmente seu poder de compra. **Além de tudo**, são considerados como renda e taxados com impostos.*

² Exemplos extraídos de “Para Entender o Texto - Leitura e Redação” - Fiorin & Savioli (1995).

- 5) Uso de '**isto é**', '**quer dizer**', '**ou seja**', '**em outras palavras**': introduz esclarecimentos, retificações ou desenvolvimento do que foi dito anteriormente.

Ex.: Muitos jornais, fazem alarde de sua neutralidade em relação aos fatos, isto é, de seu não comprometimento com nenhuma das forças em ação no interior da sociedade.

- 6) Uso de '**mas**', '**porém**' e outros conectivos adversativos: marca oposição entre dois enunciados ou dois segmentos do texto. Não se podem ligar, com esses relatores, segmentos que não se opõem, sob pena de causar sentidos indesejáveis. Às vezes, a oposição se faz entre significados implícitos no texto.

*Ex.: Choveu na semana passada, **mas** não o suficiente para se começar o plantio.*

- 7) Uso de '**embora**', '**ainda que**', '**mesmo que**': são relatores que estabelecem ao mesmo tempo uma relação de contradição e de concessão. Servem para admitir um dado contrário para depois negar seu valor de argumento. Trata-se de um expediente de argumentação muito vigoroso: sem negar as possíveis objeções, afirma-se um ponto de vista contrário. Observe o exemplo:

***Ainda que** a ciência e a técnica tenham presenteado o homem com abrigos confortáveis, pés velozes como o raio, olhos de longo alcance e asas para voar, não resolveram o problema das injustiças.*

Como se nota, mesmo concedendo ou admitindo as grandes vantagens da técnica e da ciência, afirma-se uma desvantagem maior.

O uso do **embora** e conectivos do mesmo sentido pressupõe uma relação de contradição, que, se não houve, deixa o enunciado descabido, como no transcrito abaixo:

Ex.: Embora o Brasil possua um solo fértil e imensas áreas de terras plantáveis, vamos resolver o problema da fome.

Agora que os principais conectivos coesivos já foram devidamente relacionados falemos do fenômeno coesivo da **retomada ou antecipação de termos**:

Observe o trecho que segue:

*José e Renato, apesar de serem gêmeos, são muito diferentes. Por exemplo, **este** é calmo, **aquele** é explosivo.*

O termo **este** retoma o nome próprio "Renato", enquanto **aquele** faz a mesma coisa com a palavra "José". **Este** e **aquele** são chamados de anafóricos.

Anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto.

São anafóricos:

pronomes demonstrativos: este, esse, aquele

pronomes relativos: que, o qual, onde, cujo

advérbios e expressões adverbiais: então, dessa feita, acima, atrás.

Ao usar anafóricos é preciso tomar cuidado com a indesejável ambigüidade que eles podem causar. Veja a oração abaixo:

*O pai disse à filha que **seu** futuro estava decidido.*

De quem é o futuro decidido? Da filha ou do pai? Nesse caso, o problema pode ser resolvido com o emprego de "dele" ou "dela".

Exercícios de fixação

1) O texto a seguir não está na ordem canônica esperada. Identifique a ordem correta e, em seguida, enumere os parágrafos recorrendo, para isso, à coerência e à progressão de idéias.

Elite e os Meios de Comunicação³

() Quer na estrutura capitalista, quer na socialista, os meios de comunicação estão sob o domínio da elite dirigente. No primeiro caso, pertencem aos grupos econômicos que os exploram como organizações industriais, produtoras de bens de consumo. No segundo caso, estão sob a influência do Estado, o que corresponde a dizer que se encontram nas mãos da elite política que detém o poder.

() Evidentemente, o acesso direto aos meios de comunicação está relacionado com o fenômeno da capacidade aquisitiva ou da distribuição do produto social, pois a compra dos exemplares de jornais e revistas, de um ingresso de cinema ou a posse de aparelhos receptores de rádio e TV, implica um dispêndio financeiro que nem sempre está ao alcance de todos os cidadãos.

() No entanto, é preciso considerar que, embora atingindo a massa (público heterogêneo, anônimo, disperso), os meios de comunicação social são meios de elite. Ou seja, são meios controlados pela elite.

³ Fonte: Melo (1977), adaptado pelos autores.

() Mas, indiretamente, toda a sociedade está ao alcance dos meios de comunicação, porque o processo de transmissão das mensagens que veiculam obedece a um fluxo em dois estágios. No segundo estágio, a difusão se faz através dos meios informais de comunicação (*folk-comunicação*), assegurando uma penetração massiva em toda a comunidade que está no raio de audiência do instrumento formal de comunicação.

() Os meios de comunicação social constituem, paradoxalmente, meios de elite e de massas. Como instrumentos mecânicos e eletrônicos que difundem mensagens de acesso potencial a todos os indivíduos da sociedade, eles são meios que atingem as massas, atuando como intermediários entre elas e o mundo. Na verdade, é através da imprensa, do rádio, da TV e do cinema que os indivíduos se informam, cotidianamente, sobre os fatos da atualidade, se divertem, e se mantêm sintonizados com o meio ambiente de que participam.

A ordem correta do texto seria: 5 - 2 - 4 - 3 - 1.

Podemos perceber nele que um mesmo assunto - meios de comunicação social - foi mantido do início ao final, o que permite dizer que esse texto apresenta unidade. A fim de deixar as idéias bem claras, o autor o dividiu em cinco parágrafos, cada um contendo um aspecto do assunto abordado. Essa divisão nada mais é do que uma forma de **organização das idéias**.

Observe:

Assunto: Meios de Comunicação Social

- | | |
|--------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1º parágrafo | Os meios de comunicação social são meios de elite e de massa. |
| 2º parágrafo | São meios de massa, pois atingem as massas. |
| 3º parágrafo | O acesso aos meios de comunicação pode ser direto ou indireto. |
| 4º parágrafo | Os meios de comunicação são controlados pela elite. |
| 5º parágrafo | Os meios de comunicação são controlados pela elite tanto nos países socialistas como nos países capitalistas. |

Assim, é sempre conveniente, antes de começar a escrever, decidir quais aspectos do assunto serão abordados. Com certeza o texto ficará claro.

Tópicos Gramaticais

Nesta parte do documento há uma pequena descrição dos tópicos gramaticais apresentada em forma de regras de uso. Foram selecionados os tópicos que *a priori* causam maior dúvida.

Uso da vírgula

Começaremos a descrever o uso correto da vírgula. Ao contrário do que muitos pensam ela nem sempre representa uma pausa. As justificativas para sua colocação são de ordem sintática (relação das palavras entre si) e não de pronúncia. Emprega-se a vírgula entre os termos de uma oração (A) e entre orações (B).

A) vírgula entre os termos de uma oração

Neste caso, pode-se empregar a vírgula para:

a) separar elementos de uma enumeração:

Li os clássicos e percorri os quinhentistas portugueses: Camões, Gil Vicente, Bernardes, Vieira. (Manoel Barros)

Quando a conjunção e vier antes do último elemento o uso da vírgula é dispensado, porém quando, por um recurso estilístico, a mesma conjunção for repetida antes de cada um dos termos, a vírgula deve ser empregada:

Entregou-lhe o seu amor, e o seu nome, e o seu lar, e a sua honra, e a sua vida.

b) Separar o aposto:

A morte de Luís Gonzaga, o rei do baião, abalou os alagoanos.

c) Separar o vocativo:

*Joaquim, saia da minha frente.
Venha ao quarto, Tatiana.*

d) Separar o adjunto adverbial antecipado:

No Brasil, a posse da terra sempre esteve concentrada nas mãos de pouca gente.

e) Isolar o nome do lugar nas datas:

São Paulo, 10 de novembro de 1997.

f) Indicar a omissão de um termo:

No meio do salão, a mesa de jantar. E sobre a mesa, o corpo do preto velho, com duas velas à cabeceira. (Viriato Côrrea)
(No meio do salão havia [estava] a mesa de jantar. E sobre a mesa estava [havia] o corpo...)

B) A vírgula entre orações

Neste caso, emprega-se vírgula para:

a) Separar orações seqüenciais (coordenadas):

*O homem suspeito saiu do edifício, olhou para os lados, saiu em desabalada carreira.
Deus quer, o homem sonha, a obra nasce. (Fernando Pessoa)*

Observação

Separam-se por vírgula as orações coordenadas sindéticas introduzidas por e quando têm sujeitos diferentes ou quando a conjunção e aparece repetida.

A mãe se fora para a cozinha, e Rafael olhava para ele. (José Lins do Rego)
(sujeitos diferentes)

b) Ao iniciar orações adversativas:

Ela estava cansada, mas parecia feliz.

c) Separar as orações intercaladas:

Notícias são meros sonhos da história e nem sempre se transformam em documentos de sua época, como lembra o historiador americano Daniel Borstin, grandes obras do intelecto raramente rendem manchetes. (Veja)

O jovem Edvaldo, que salvou a vida do bebê, também gostou muito dele. (Jornal da Tarde)
Fui assaltado em frente ao bar do meu amigo, onde costumava passar diariamente.

d) Separar as orações subordinadas adverbiais (desenvolvidas ou reduzidas), especialmente quando antepostas à principal:

Embora seja rico, trabalha muito.

f) Separar as orações substantivas antepostas à principal:

Quanto tempo fiquei estudando, não sei.

Casos em que o uso da vírgula não é permitido

Não se usa vírgula entre:

- a) O sujeito e o predicado:
*A **noite** cai mansa em Taubaté.*
- b) O verbo e seus complementos:
*O orvalho frio e a névoa garoenta **dão** uma ligeira trégua às crianças.*
- c) O nome e o complemento nominal:
*Brincar é uma atividade **acessível** a todo ser humano.*
- d) O nome e o adjunto adnominal:
*O jogo está presente em vários **momentos** da nossa vida.*

Uso do acento grave indicador de crase⁴

A palavra crase é de origem grega e quer dizer 'junção', assim, sempre que houver a possibilidade de junção (contração) de um artigo definido feminino ('a') com uma preposição utiliza-se o acento grave indicador de crase (`)

Vamos	a	à	+	a	Cidade logo após o almoço
V. T. I	prep.			art.	Palavra FEMININA que admite artigo

Observe que o verbo transitivo indireto (V.T.I) *ir* requer a preposição *a* e o substantivo *cidade* pede o artigo *a*.

Ocorrência do acento grave indicando a crase

1. Preposição *a* + artigos *a*, as:
Fui à feira ontem.
Paulo dedica-se às artes marciais.
2. Preposição *a* + pronomes demonstrativos *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*:
Maria referiu-se àquele cavalheiro de terno cinza.
Depois nos dirigimos àquelas mulheres da Associação.
Nunca me reportei àquilo que você disse.
3. Sempre que houver indicação de horas:
João se levanta às sete horas.
Devemos atrasar o relógio à zero hora.
Eles chegaram à meia-noite.

⁴ Fonte: UOL (2007a), adaptado pelos autores.

4. Antes de nomes que apresentam a palavra moda (ou maneira) implícita:
Adoro bife à milanesa.
Eles querem vitela à parmegiana.
Ele vestiu-se à Fidel Castro.
Ele cortou o cabelo à Nero.
5. Em locuções adverbiais constituídas de substantivo feminino plural:
Pedrinho costuma ir ao cinema às escondidas.
Às vezes preferimos viajar de carro.
Eles partiram às pressas e não deixaram o novo endereço.
6. Em locuções prepositivas e conjuntivas constituídas de substantivo feminino:
Eles vivem à custa do Estado.
Estamos todos à mercê dos bandidos.
Fica sempre mais frio à proporção que nos aproximamos do Sul.
Sentimos medo à medida que crescia o movimento de soldados na praça.

Principais casos em que NÃO ocorre a crase

1. Diante de substantivo masculino:
Compramos a TV a prazo.
Ele leva tudo a ferro e fogo.
Por favor, façam o exercício a lápis.
2. Diante de verbo no infinitivo:
A pobre criança ficou a chorar o dia todo.
Quando os convidados começaram a chegar, tudo já estava pronto.
3. Diante de pronome que não admite artigo (pessoal, de tratameto, demonstrativo, indefinido e relativo):
Ele se dirigiu a ela com rudeza.
Direi a Vossa Majestade quais são os nossos planos.
Onde você pensa que vai a esta hora da noite?
Devolva o livro a qualquer pessoa da biblioteca.
4. Diante do artigo indefinido *uma*:
O policial dirigiu-se a uma senhora vestida de vermelho.
O garoto entregou o envelope a uma funcionária da recepção.
5. Em expressões que apresentam substantivos repetidos:
Ela ficou cara a cara com o assassino e ele examinou tudo de ponta a ponta.

6. Diante de palavras no plural, precedidas apenas de preposição:
Nunca me junto a pessoas que falam demais.
Eles costumam ir a reuniões do Partido Verde.
7. Diante de numerais cardinais:
Após as enchentes, o número de vítimas chega a trezentos.
Daqui a duas semanas estarei em férias.
8. Diante de nomes célebres e nomes de santos:
O artigo reporta-se a Carlota Joaquina de maneira bastante desrespeitosa.
Ela fez uma promessa a Santa Cecília.
9. Diante da palavra *casa*, quando esta não apresenta adjunto adnominal:
Estava frio. Fernando havia voltado a casa para apanhar um agasalho.
Antes de chegar a casa, o malandro limpou a mancha de batom do rosto.

Observação:

Quando a palavra *casa* apresentar modificador, haverá crase:
Vou à casa de Pedro.

10. Diante da palavra *dona*:
O mensageiro entregou a encomenda a Dona Sebastiana.
Foi só um susto. O macaco nada fez a Dona Maria Helena.
11. Diante da palavra *terra*, como sinônimo de *terra firme*:
O capitão informou que estamos quase chegando a terra.
Depois de dois meses de mar aberto, regressamos finalmente a terra.

Ocorrência facultativa do acento grave

1. Antes de nome próprio feminino:
Entreguei o cheque à Paula. OU Entreguei o cheque a Paula.
Paulo dedicou uma canção à Teresinha. OU Paulo dedicou uma canção a Teresinha.
2. Antes do pronome possessivo feminino:
Ele fez uma crítica séria à sua mãe. OU Ele fez uma crítica séria a sua mãe.
Convidei-o a vir à minha casa. OU Convidei-o a vir a minha casa.

3. Depois da preposição até⁵:

Vou caminhar até à praia. OU Vou caminhar até a praia.

Observações e erros mais comuns

Usar o acento grave antes de nome que não admite artigo. (Cidades, pronomes, substantivos masculinos)

Ex.: *Vou a Campinas amanhã.* (Volto de Campinas)

Estamos viajando em direção a Roma. (Volto de Roma)

No entanto, se houver um modificador do nome, haverá crase, já que ele passa a aceitar artigo:

Ex.: *Vou à Campinas das andorinhas.* (Volto da Campinas das andorinhas)

Estamos viajando em direção à Roma das Sete Colinas. (Volto da Roma de Sete Colinas)

Usar o acento grave antes de palavras masculinas:

Ex.: *Ela escreveu a redação a lápis.*

Compramos a TV a prazo.

Uso do hífen⁶

O hífen, ou traço-de-união, é um sinal (-) com várias funções na escrita, às vezes seu uso pode, inclusive, demarcar sentidos diferentes.

Veja:

amor perfeito ≠ amor-perfeito

copo de leite ≠ copo-de-leite

sem vergonha ≠ sem-vergonha

a) O hífen é usado em algumas palavras compostas, principalmente nos adjetivos compostos:

Luso-brasileiro

histórico-geográfico

médico-cirúrgico

sino-japonês

⁵Para muitos gramáticos, quando "até" for uma preposição, o uso do acento da crase no "a" que vem em seguida é facultativo. Na verdade, porém, a presença de "até", neste caso, torna desnecessário o uso da preposição "a", como igualmente acontece com outras preposições.

⁶Fonte: Lycos Inc. (2007), adaptado pelos autores.

b) Usa-se o hífen também para separar os elementos que apresentam os sufixos:

mor (guarda-mor, altar-mor)

açu (ingá-açu)

guaçu (maracanã-guaçu)

mirim (socó-mirim)

Exceção: Os nomes de cidades como Manhauçu e Manhumirim estão registrados sem hífen.

c) O hífen sempre separa dos radicais os seguintes prefixos tônicos:

além-mar

recém-casado

pré-escola

pós-graduação

sem-vergonha

bem-amado

bel-prazer

vice-reitor

grão-duque

ex-aluno

co-autor

pára-choque

Exceção: Sr. Marcus, seja bem-vindo!

d) O hífen separa os prefixos dos seus radicais quando os prefixos discriminados abaixo aparecem **diante de vogal H, R ou S**:

Auto, Contra, Extra, Infra, Intra, Neo, Proto, Pseudo, Semi, Supra, Ultra, diante de Vogal, H, R, S, usam o hífen.

Exceção: extraordinário

e) Ante, sobre, anti, arqui, **diante de h, r, s**, usam o hífen.

Exceções: antisséptico, sobressair, sobressaltar, sobressalto, sobressaltear, sobressalente, sobressaliente.

f) Inter, hipe e super, **diante de h ou r**, usam o hífen.

g) Pan, mal, circum, **diante de h ou vogal**, usam o hífen.

h) Sub, **diante de r ou b**, usa o hífen.

Concordância Verbal

Concordância é a igualdade de gênero e número entre substantivo e adjetivo, numeral, pronome, e igualdade de número e pessoa entre verbo e sujeito. A concordância pode ser **verbal** e **nominal**. É verbal quando o verbo se flexiona para concordar com o seu sujeito e nominal quando o artigo, o adjetivo, o pronome ou o numeral se flexionam para concordar com o substantivo a que se referem. Aqui nos deteremos mais às regras gerais da concordância verbal.

1) Sujeito simples

O verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

O homem dorme.

Dormimos mais do que a girafa.

Os mamíferos são políciclicos.

São políciclicos os mamíferos.

A maior parte dos animais dorme de forma intermitente.

A maior parte dos animais dormem de forma intermitente.

Veja que nos dois últimos exemplos é possível optar por dois tipos de concordância. No primeiro caso, o verbo concorda com a expressão a *maior parte*, já no segundo exemplo o verbo estabelece concordância com o substantivo *animais*.

2) Sujeito Composto

Se o sujeito for composto por elementos da terceira pessoa gramatical, o verbo irá para terceira pessoa do plural.

O gato e o cachorro dormem mais do que o homem.

Os cavalos e as girafas dormem pouco.

Se o sujeito for composto por elementos de pessoas gramaticais diferentes, o verbo irá para o plural, obedecendo à seguinte lei de prevalência:

A primeira pessoa prevalece sobre as demais

O zoólogo e eu alimentaremos os animais.

A segunda pessoa prevalece sobre a terceira

O zoólogo e tu alimentareis os animais.

Nesse caso, o verbo poderá ir também para a terceira pessoa do plural

O zoólogo e tu alimentarão os animais.

3) Sujeito formado por número percentual ou número fracionário:

8.5% das crianças nascem desnutridas.

2/4 das crianças ficaram sem matrículas.

1% das crianças recebe alimentos.

¼ das crianças recebe alimentos.

Neste caso, o verbo concorda com o numeral.

Observação:

A tendência na língua atual, especialmente na imprensa, é concordar o verbo com a expressão que acompanha o numeral:

Ex.: *Pesquisa Folha realizada em São Paulo revela que **87%** da população **ouve** rádio durante a semana.* (Folha de São Paulo)

4) Sujeito formado pela expressão *mais de um*:
Mais de um candidato desistiu da eleição.

Observação:

O verbo poderá ir para o plural, se a expressão vier repetida:
Mais de um vereador, mais de um prefeito, desistiram da eleição.

Se a frase indicar reciprocidade:
Mais de um economista se criticaram mutuamente.

5) Pronome relativo *que* ou *quem* funcionando como sujeito. OP = Oração Principal.

Sou eu (OP)/que recebo os convidados.
És tu (OP)/que recibes os candidatos.
Somos nós (OP)/que recebemos os convidados.

Sou eu/quem recebe os convidados.
Sou eu/quem recebo os convidados.

Foste tu/quem redigiu o trabalho.
Foste tu/quem redigiste o trabalho.

Observação:

A oração principal pode vir posposta à subordinada:

Quem vai ser preso/sou eu! (OP)

6) Sujeito formado pela expressão *um dos que*:

Ela é uma das mulheres (OP)/que optaram pela vida na caserna. (Jornal do Brasil)
Ela é uma das mulheres (OP)/que optou pela vida na caserna.

Observação:

Existe uma pequena diferença semântica entre as duas formas. Na frase *Ela é uma das mulheres que optaram pela vida na caserna*, valoriza-se todo o grupo de mulheres que optaram pela caserna, inclusive ela. Já na segunda frase *Ela é uma das mulheres que optou pela vida na caserna*, ela se destaca entre as demais.

7) Sujeito formado por um pronome interrogativo, demonstrativo ou indefinido no plural, seguido da expressão *de nós* ou *de vós*:

Muitos de nós resolveram sair da firma.
Muitos de nós resolvemos sair da firma.
Quantos de vós irão à missa?
Quantos de vós ireis à missa?

Observação:

Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, o verbo também ficará no singular:

Nenhum de nós deve permanecer em silêncio. (Correio do Povo)

8) Sujeito formado por nomes que aparecem “no plural”:

Minas Gerais fica ao norte de São Paulo.
Unidos de Cabuçu foi a penúltima escola a entrar no sambódromo.
Os Estados Unidos voltaram à liderança na fabricação de computadores.

Observação:

No caso de "Estados Unidos" o verbo concorda com o artigo.

Ex.: Estados Unidos teme revolta ou *Os Estados Unidos temem revolta.*

Note apenas, que hoje, a tendência atual, principalmente na imprensa, é empregar o verbo no plural, mesmo que o nome não venha precedido de artigo.

EUA tentam controlar tráfego aéreo. (Folha de São Paulo)

Quando o sujeito for o nome de uma obra artística, o verbo poderá ficar no singular ou ir para o plural.

Os Sertões contribuíram muito para a nossa historiografia.
Os Sertões contribuiu muito para a nossa historiografia.

9) Concordância dos verbos bater, dar e soar:

Davam três horas quando ele chegou ao recinto.
Bateu uma hora.

Observação:

Quando o sujeito for as palavras relógio, sino, carrilhão, etc., o verbo concordará com esse sujeito:

Os sinos batem seis horas. (Jorge Amado)
O carrilhão da sala de jantar deu dez horas. (Alcântara Machado)

Concordância com verbos impessoais

Verbos impessoais - são aqueles que só são conjugados na 3ª pessoa do singular. Muitas vezes surgem dúvidas quanto à concordância deste tipo de verbo. Lembre-se, verbos impessoais não concordam com o sujeito.

São impessoais:

O verbo *fazer* indicando tempo decorrido:
Já faz oito anos que estive lá.

Os verbos que indicam fenômenos meteorológicos:
Anoitece cedo no verão.
Faz algumas horas que estou te esperando

O verbo *haver* no sentido de existir:
Havia muitas pessoas na manifestação.

Quando o verbo impessoal estiver numa locução verbal, observa-se a mesma construção:
No passado, costumava haver descontos nas tarifas das ferrovias.
Poderia haver jardins, poderia haver manhãs naquele tempo.
Deve fazer algumas horas que estou te esperando.

Observação:

O verbo **existir** não é impessoal. Concorde, portanto, com o seu sujeito.
Existiam muitas pessoas na manifestação.

Os verbos que indicam fenômenos meteorológicos, quando usados em sentido figurado, não são impessoais. Portanto, concordam com o seu sujeito:

Choveram telegramas de congratulação. (Otto Lara Resende)

No português do Brasil, o verbo *haver*, quando impessoal, ainda que não seja normativamente correto, é normalmente substituído pelo verbo *ter*:

Tem certos dias que a política brasileira se transforma num samba do crioulo doido. (Veja)

Casos particulares

Quando o sujeito é formado por infinitivo, o verbo fica no singular:

Levantar cedo e bater cartão é a nossa rotina.

Observação:

Se os infinitivos vierem determinados por artigo, ou se forem antônimos, o verbo poderá ir para o plural:

O levantar cedo e o bater cartão são a nossa rotina.

Imergir e emergir eram as tarefas do mergulhador.

Quando os componentes do sujeito são resumidos por pronome indefinido (tudo, nada, ninguém) o verbo fica no singular:

O clima da cidade, o hotel, as pessoas, tudo era insuportável.

Conselhos, advertências, repreensões, nada o demovia daquela idéia.

Parentes, vizinhos, conhecidos, ninguém duvidava de sua honestidade.

Quando o sujeito possui o primeiro elemento, ligado ao segundo elemento pela preposição 'com', o verbo vai para o plural.

O guarda com o amigo evitaram o acidente

Concordância de expressões particulares

a) Uso de Anexo/obrigado/mesmo/incluso/quite/leso

Estas palavras são adjetivos. Devem, portanto, concordar com o nome a que se referem:

Muito obrigada, disse ela.

Muito obrigado, disse ele.

Elas mesmas decidiram administrar os negócios do pai.

As bebidas estão inclusas no preço.

Estou quite com o serviço militar.

Estão quites com a justiça eleitoral.

Observação:

Há hoje, dois usos vigentes da forma 'anexo'. O termo como um adjetivo (o *boletim anexo*, a *gravura anexa*), ou o termo como uma locução adverbial.

Quando usado como adjetivo, 'anexo' é variável em gênero e número conforme o substantivo a que se refere:

Ex.: certidão anexa, cópia anexa, boletins anexos, planilhas anexas.

Quando usado como locução adverbial 'em anexo', a expressão é invariável:

Ex.: Os documentos em anexo devem ser arquivados.

A gravura em anexo deve ser publicada.

b) Alerta/menos

Alerta e menos são palavras invariáveis.

Fiquem alerta.

Há menos pessoas do que imaginávamos.

As crianças de Santos (SP) tem menos cáries que as do Japão, Itália ou França.

c) Bastante/caro/barato/meio/longe

Quando funcionam como advérbio, essas palavras são invariáveis. Quando funcionam como adjetivos, pronomes adjetivos ou numerais (no caso de meio) concordam com o nome a que se referem.

São problemas bastante difíceis. (advérbio)

Este fato já aconteceu bastantes vezes na história. (pronomes adjetivos)

Estes livros custam caro. (advérbio)

Os livros estão caros. (adjetivo)

As laranjas custam barato. (advérbio)

Que bananas baratas! (adjetivo)

Minha tia anda meio esquisita. (advérbio)

Comprei meia fruta. (numeral)

A escola fica longe daqui. (advérbio)

Passara a cuidar do jardim depois de muito sofrer e aprender por longes terras. (Adjetivo)

d) É proibido/é necessário/é bom/é preciso.

Se, nessas expressões, o sujeito não vier antecipado de artigo, tanto o verbo como o adjetivo ficam invariáveis:

É proibido entrada.

Entrada é proibido.

Guaraná é bom para a saúde.

É necessário prudência.

Prudência é necessário.

Se o sujeito dessas expressões vier antecipado por artigo, pronome ou adjetivo, tanto o verbo como o adjetivo concordam com ele:

Essa bebida, o absinto, é proibida em quase todo o mundo desde a primeira Guerra Mundial.

As bebidas alcoólicas são proibidas para menores.

Muita prudência é necessária.

O guaraná é bom para a saúde.

e) O mais... possível/os mais... Possíveis

Nas expressões do tipo *o mais... possível, o menos... Possível*, a palavra *possível* concorda com o artigo que inicia a expressão.

Encontrou argumentos o mais fáceis possível.

Encontrou argumentos os mais fáceis possíveis.

Queremos que os jogos sejam os mais emocionantes possíveis.

f) Só/sós/a sós

A palavra *só* como adjetivo concorda em número com o termo a que se refere. Com advérbio, significa, *apenas, somente* e é invariável. A expressão *a sós* é invariável.

Estou só. (adjetivo)

Não estamos sós. (adjetivo)

Ficamos a sós. (expressão invariável)

Plural de palavras compostas

Quando os substantivos são compostos por aglutinação ou justaposição, isto é, as palavras apenas se juntam, o plural é feito acrescentando-se um 's' ao final da palavra.

Ex.: aguardentes, passatempos, malmequeres

Quando há justaposição e houver substantivo + substantivo, substantivo + adjetivo ou adjetivo + substantivo os dois elementos vão para o plural.

Ex.: couves-flores, amores-perfeitos, altos-fornos

Quando há verbo + substantivo adjetivo ou palavra invariável + substantivo/ adjetivo só o segundo elemento vai para o plural.

Ex.: guarda-sóis, pisa-papéis, contra-ataques

Quando há substantivo + preposição + substantivo ou substantivo + substantivo com valor de determinante específico, só o primeiro elemento vai para o plural

Ex.: águas-de-colônia, navios-escola, palavras-chave

Colocação Pronominal⁷

Os pronomes podem vir antes do verbo (próclise), no meio do verbo (mesóclise) ou após o verbo (ênclise).

A Próclise é usada:

- 1) Quando o verbo estiver precedido de palavras que atraem o pronome para antes do verbo. São elas:
 - a) Palavras de sentido negativo: não, nunca, ninguém, jamais. *Ex.: Não se esqueça de mim.*
 - b) Advérbios. *Ex.: Agora se negam a depor.*
 - c) Conjunções subordinativas. *Ex.: Soube que me negariam.*
 - d) Pronomes relativos. *Ex.: Identificaram duas pessoas que se encontravam desaparecidas.*
 - e) Pronomes indefinidos. *Ex.: Poucos te deram a oportunidade.*
 - f) Pronomes demonstrativos. *Ex.: Disso me acusaram, mas sem provas.*

⁷ Fonte: Português.com.br (2001), adaptado pelos autores.

- 2) Orações iniciadas por palavras interrogativas. *Ex.: Quem te fez a encomenda?*
- 3) Orações iniciadas por palavras exclamativas. *Ex.: Quanto se ofendem por nada!*
- 4) Orações que exprimem desejo. *Ex.: Que Deus o ajude.*

A mesóclise é a colocação pronominal no meio do verbo. A mesóclise é usada:

- 1) Quando o verbo estiver no futuro do presente ou futuro do pretérito, contanto que esses verbos não estejam precedidos de palavras que exijam a próclise.
Ex.: Realizar-se-á, na próxima semana, um grande evento em prol da paz no mundo.
Não fosse os meus compromissos, acompanhar-te-ia nessa viagem.

A ênclise é a colocação pronominal depois do verbo. A ênclise é usada quando a próclise e a mesóclise não forem possíveis:

- 1) Quando o verbo estiver no imperativo afirmativo.
Ex.: Quando eu avisar, silenciem-se todos.
- 2) Quando o verbo estiver no infinitivo impessoal.
Ex.: Não era minha intenção machucar-te.
- 3) Quando o verbo iniciar a oração.
Ex.: Vou-me embora agora mesmo.
- 4) Quando houver pausa antes do verbo.
Ex.: Se eu ganho na loteria, mudo-me hoje mesmo.
- 5) Quando o verbo estiver no gerúndio.
Ex.: Recusou a proposta fazendo-se de desentendida.

Colocação pronominal nas locuções verbais

- 1) Quando o verbo principal for constituído por um particípio:
 - a) O pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar. *Ex.: Haviam-me convidado para a festa.*
 - b) Se, antes da locução verbal, houver palavra atrativa, o pronome oblíquo ficará antes do verbo auxiliar. *Ex.: Não me haviam convidado para a festa.*

Se o verbo auxiliar estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito, ocorrerá a mesóclise, desde que não haja antes dele palavra atrativa.

Ex.: Haver-me-iam convidado para a festa.

2) Quando o verbo principal for constituído por um infinitivo ou um gerúndio:

a) Se não houver palavra atrativa, o pronome oblíquo virá depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ex.: Devo esclarecer-lhe o ocorrido/Devo-lhe esclarecer o ocorrido.

Estavam chamando-me pelo alto-falante/Estavam-me chamando pelo alto-falante.

b) Se houver palavra atrativa, o pronome poderá ser colocado antes do verbo auxiliar ou depois do verbo principal.

Ex.: Não posso esclarecer-lhe o ocorrido./Não lhe posso esclarecer o ocorrido.

Não estavam chamando-me./Não me estavam chamando.

Observações importantes

Emprego de o, a, os, as

1) Em verbos terminados em vogal ou ditongo oral os pronomes “o, a, os, as” não se alteram. *Ex.: Chame-o agora. Deixei-a mais tranqüila.*

2) Em verbos terminados em r, s ou z, estas consoantes finais alteram-se para “lo, la, los, las”. *Ex.: (Encontrar) Encontrá-lo é o meu maior sonho. (Fiz) Fi-lo porque não tinha alternativa.*

3) Em verbos terminados em ditongos nasais (am, em, ão, ãe, ões), os pronomes “o, a, os, as” alteram-se para “no, na, nos, nas”:

Ex.: Chamem-no agora. Põe-na sobre a mesa.

4) As formas combinadas dos pronomes oblíquos “mo, to, lho, no-lo, vo-lo”, formas em desuso, podem ocorrer em próclise, ênclise ou mesóclise.

Ex.: Ele mo deu. (Ele me deu o livro.)

Uso de 'Por que', 'porque', 'porquê' e 'por quê':

1) Usa-se **por que** nas interrogativas direta e indireta. Neste caso, **por que** é um advérbio interrogativo (*Por que ela não veio?* (interrogativa direta). *Quero saber por que ela não veio.* (interrogativa indireta) ou **por que** equivale a *pelo qual, pela qual, pelos quais, pelas quais* - pronome relativo. (*Essa é a rua por que passamos.*)

- 2) **Porque** quando introduz uma causa, é uma conjunção subordinativa causal. (*Ela não veio porque não quis.*) Quando **porque** introduzir uma explicação, equivale a *pois*. Neste caso, **porque** é uma conjunção coordenativa explicativa. (*Venha porque precisamos de você.*) O **porque** ainda pode introduzir uma finalidade, neste caso equivale a *para que* e é conjunção subordinativa final. (*Venha porque não fique só.*)
- 3) **Por quê** é empregado em final de frase ou quando a expressão estiver isolada.
- *Ela não veio por quê?*
 - *Nunca mais volto aqui.*
 - *Por quê?*
- 4) **Porquê** é um substantivo. Equivale a causa, motivo, razão. Neste caso, o artigo precede o **porquê**.
- *Não me interessa o porquê de sua ausência.*

Gerundismo

O texto abaixo, de Ricardo Freire, publicado na coluna "Xongas", de *O Estado de S. Paulo*, em 16 de fevereiro de 2001, ilustra um vício de linguagem que já se tornou comum e até, em alguns casos, difícil de evitar. Trata-se do gerundismo, um uso derivado do gerúndio. Leia o texto que segue.

Aqui vai a última flor do Lácio:

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela *Internet*.

O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando. Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por esta epidemia de transmissão oral. Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo. Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteiro. Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando. O próximo "Eu vou estar transferindo a sua ligação" que eu vá estar ouvindo pode estar provocando alguma reação

violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos. As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia. Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar traduzindo manuais de atendimento por telemarketing. Daí a estar pensando que "*We'll be sending it tomorrow*" possa estar tendo o mesmo significado que "Nós vamos estar mandando isso amanhã" acabou por estar sendo só um passo. Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de *telemarketing* para estar ganhando os escritórios. Todo mundo passou a estar marcando reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações. A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo qmais colouial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo gerundismo. A primeira pessoa que inventou de estar falando "Eu vou tá pensando no seu caso" sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade lingüística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas. Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como "O que cê vai tá fazendo domingo?" ou "Quando que cê vai tá viajando pra praia?", ou "Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa". A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos, como o "a nível de", o "enquanto", o "pra se ter uma idéia" e outros menos votados. A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

Generalidades

Eu tenho de... Ou eu tenho que?

Tenho de - quando o sentido for de obrigação, necessidade, desejo ou interesse.

Ex.: O Brasil terá de importar arroz.

Temos de prever as despesas do país.

O trabalho tem de ser iniciado hoje.

Tem que - quando expressar possibilidade.

Ex.: É possível que você tenha que me emprestar o carro hoje.

Uso do senão e se não

Use senão quando quiser dizer do contrário/de outro modo/mas sim/exceto, salvo de, a não se/defeito, falha.

Ex.: Luta, senão estás perdido.

Não era ouro nem prata, senão ferro.

Ninguém, senão os irmãos Correa, compareceram à cerimônia.

Use se não em frases que indicam condição, alternativa, incerteza, dúvida:

Ex.: Se não for possível, avise-me. (condição)

Havia dois jogadores, se não três. (incerteza)

Diferença entre afim e a fim

Afim corresponde a semelhante ou parente por afinidade: almas afins, vocabulários afins.

Ex.: Não tinha laços afins com a nora.

A fim de, equivalente a para.

Ex.: Chegou cedo a fim de terminar o serviço.

Têm e tem

Tem é a conjugação da terceira pessoa do singular, enquanto que têm é a conjugação da terceira pessoa do plural.

Ex.: Ele tem um bom carro.

Os gerentes da unidade têm uma viagem marcada para amanhã.

Acerca de/A cerca de/Cerca de/Há cerca de

Acerca de - Equivale a *a respeito de, sobre.*

Ex.: Falou acerca da nomeação do ministro.

A cerca de/cerca de - Equivale a *perto de, aproximadamente.*

Ex.: Os jogadores estavam a cerca de 20 m do gol.

Cerca de 50 espécies de cultivares foram cadastradas.

Há cerca de - Equivale a *faz aproximadamente.*

Ex.: Saiu há cerca de meia hora.

À medida que/Na medida que

À medida que - Significa *à proporção que, conforme.*

Ex.: Os preços baixaram à medida que diminuiu a procura.

Na medida em que - Corresponde a *tendo em vista que.*

Ex.: O projeto foi esquecido, na medida em que faltou investimento.

Ao invés de/Em vez de

Ao invés de só tem o sentido de *ao contrário de.*

Ex.: Ao invés de ajudar, atrapalhou.

Ao invés de entrar, saiu.

Em vez de tem o significado tanto de *oposição* quanto o de *substituição.*

Ex.: Em vez de arrumar, desarrumou o quarto.

Aonde/Onde

Aonde - Usa-se com verbo de movimento; equivale sempre a *para onde*.
Ex.: *Aonde você vai?*

Onde - Indica permanência. Ex.: *Onde ele está?*

Ao nível de/Em nível de

Ao nível de - A locução tem sentido de *à mesma altura de*.
Ex.: *O Rio de Janeiro está ao nível do mar.*

Em nível de, *a nível de* são locuções que devem ser evitadas por ser um modismo desnecessário e condenável. Na maioria das vezes, essas locuções são dispensáveis, e noutras podem ser substituídas por: *com relação a*, *no que se refere a*, *como*, *no plano*, *no âmbito*.

Ex.: *Foi um resultado excepcional a nível nacional.* (errado)
Foi um resultado excepcional no plano nacional. (certo)
Foi avaliado em nível de presidente da associação. (errado)
Foi avaliado como presidente da associação. (certo)
É conhecido a nível nacional. (errado)
É conhecido nacionalmente. (certo)

A princípio/Em princípio/Por princípio

A princípio - Significa *no início*.
Ex.: *A princípio, pensou em abandonar o projeto.*

Em princípio - Quer dizer de modo geral.
Ex.: *Todos, em princípio, têm os mesmos direitos.*

Por princípio - Equivale a *por convicção*.
Ex.: *Tem, por princípio, cuidar do menor abandonado.*

Através de

Através de - A locução equivale a *por dentro de*, *de um lado a outro*, *ao longe de*.

Ex.: *Viajou através de todo o país.*
Maria olhava a chuva através da janela.

Noutra acepção, pode ser substituída por: *por meio de*, *por intermédio de* ou *por*.

Ex.: A notícia chegou por intermédio (e não através do) do ministro da Fazenda.

O assunto foi resolvido por meio (e não através de) de decreto.

Cessão/Sessão/Secção/Seção

Cessão - Significa o ato de ceder, de dar.

Ex.: O pesquisador fez a cessão de sua patente.

Sessão - Corresponde ao intervalo de tempo que dura uma reunião.

Ex.: A diretoria reuniu-se em sessão extraordinária.

Secção (ou seção) - Significa parte de um todo, subdivisão, segmento.

Ex.: Compramos as revistas na secção (ou seção) de literatura.

Devido

Devido a - Não use essa locução no lugar de por causa de, em razão de, graças a, em virtude de, em decorrência de, em conseqüência de. Pode ser sempre substituída por uma dessas expressões, em frases como:

Ex.: O empate não provocou surpresa, devido à igualdade entre os dois jogadores. (errado)

O empate não provocou surpresa, por causa da desigualdade entre os jogadores. (certo)

A informação não estava disponível, devido a problemas de comunicação. (errado)

A informação não estava disponível, em virtude de (em razão de, em conseqüência de) problemas de comunicação. (certo)

Use devido(s), devida(s) na forma passiva ou como simples participípios.

Ex.: A inflação era devida à má administração pública. (forma passiva)

A queda devido à instabilidade de Bolsas agravou-se há alguns dias. (participípio)

Enquanto

Ao empregar esta conjunção, mantenha a correlação entre os tempos verbais.

Ex.: Enquanto o professor elaborava as questões, os alunos divertiam-se.

Enquanto eu tiver forças, trabalharei.

Não existe a forma enquanto que.

Ex.: Maria é arquiteta, enquanto (e não enquanto que) Joana é médica.

Há/A

Há - Indica tempo passado, equivale a *faz*.

Ex.: Há meses que ele não aparece.

A - Indica tempo futuro

Ex.: Ela voltará daqui a pouco.

Haja vista

Haja vista - Expressão invariável.

Ex.: Haja vista a(s) denúncia(s) de fraude.

Haja vista meu(s) amor(es) de juventude.

Ir ao encontro de/Ir de encontro a

Ir ao encontro de é empregado para indicar *aproximação, concordância, situação favorável*.

Ex.: Pedro foi ao encontro de Maria.

A opinião de Pedro foi ao encontro da de Maria.

Ir de encontro a é empregado para indicar *choque, oposição, idéias opostas*.

Ex.: O ônibus foi de encontro ao muro.

A opinião de Pedro foi de encontro à de Maria.

A opinião de Pedro foi de encontro aos achados anteriores.

Tampouco/Tão pouco

Tampouco significa *também não*.

Ex.: Não trabalhou, tampouco foi punido por sua ausência!

Tão pouco significa *muito pouco*.

Ex.: Em tão pouco tempo, fez tanto! Dedicou-se tão pouco à filha, que ela o esqueceu.

Tendo em vista

Prefira as expressões *considerando, com o propósito de, com o intuito de, tendo por base, pretendendo*.

Ex.: Marcelo incriminou Antônio com o propósito de vê-lo afastado de Beatriz.

Construções Redundantes

Evite as seguintes construções por serem redundantes:

Base inferior	Lágrimas nos olhos
Conclusão final	Manter o mesmo
Continuar ainda	Pequenos detalhes
Conviver junto	Permanecer ainda
Criar novos	Planos futuros
Dois gêmeos	Principal protagonista
Eis aqui	Quantia de dinheiro
Elo de ligação	Regra geral
Encarar de frente	Repetir de novo ou outra vez
Entrar dentro	Semelhantes entre si
Expectativas futuras	Sorriso nos lábios
Exultar de alegria	Subir para cima
Goteira no teto	Surpresa inesperada
Hábitat natural	Todos são unânimes
Inaugurar novo	Vereadores da câmara
Julgamento final	

Relação Autor-Leitor

Leia os dois excertos a seguir:

O que nos faz humanos: *Gene pode ter papel central na evolução do homem*

Um grupo de cientistas da Universidade da Califórnia e do Instituto Médico Howard Hughes encontrou uma seqüência genética que pode ser responsável pela evolução do cérebro humano. Ela se manifesta durante uma fase significativa do desenvolvimento embrionário do córtex cerebral região responsável pelos processos mais complexos do órgão, entre a 7^a e a 19^a semanas de gestação. O gene foi descoberto ao comparar o genoma humano ao de chimpanzés e roedores por meio de análises computadorizadas. Os pesquisadores procuravam regiões do genoma cuja evolução tivesse sido especialmente rápida após o surgimento da espécie humana. Essa particularidade indicaria que tais genes provavelmente foram importantes para a evolução humana. A região que surgiu no topo da lista inclui um gene, conhecido como HAR1F, que é ativo em células nervosas especiais chamadas células de Cajal-Retzius. Essas células produzem uma proteína que guia o desenvolvimento dos neurônios e a formação de conexões entre eles. O estudo foi publicado na versão *online* da revista *Nature*.

In: DESTAQUES da Nature de 17/08/2006 (Vol. 442, N°. 7104). Disponível em:
<<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/index.php?art=3220&bd=2&pg=1&lg=>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

A filogênese da linguagem: Novas abordagens de antigas questões

A filogênese e a antropogênese da linguagem tornam-se elementos fundamentais para conhecimento anatômico e fisiológico dos mecanismos da comunicação humana, bem como suas aplicações clínicas. Durante o processo de desenvolvimento primata, importantes transformações no corpo do animal, notadamente na cabeça, ocorreram a partir da vida arborícola com implicações importantes na gênese da linguagem. A aquisição de uma postura semi-vertical do corpo, o uso exploratório das mãos e o desenvolvimento da visão em detrimento da olfação permitiram o crescimento craniano e o aumento do encéfalo. Com o retorno do primata ao chão e o desenvolvimento da bipedia nos *Australopithecus*, ocorreu progressivo crescimento em leque das regiões frontais, parietais e temporais, permitindo o desenvolvimento simultâneo dos centros neuroanatômicos de linguagem, expressão facial e atividade motora manual.

In: ARQUIVOS de Neuro-Psiquiatria, vol. 58, no. 1, 2000. Resumo... Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0004-282X2000001100030&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 mar. 2007.

Qual dos dois você acha que está mais próximo do modelo de divulgação científica? Por quê? Agora veja outra versão do segundo excerto:

Quando se espera obter informações fundamentais sobre os mecanismos da comunicação humana é preciso, de antemão, observar a necessidade prévia de conhecer anatômica e fisiologicamente tais mecanismos. Assim, é importante estudar a sucessão genética das espécies orgânicas (filogênese) e o conjunto de transformações que levaram, na evolução animal, ao surgimento do homem na superfície da Terra (antropogênese). Sabe-se que, durante o processo de desenvolvimento primata, importantes transformações no corpo do animal, notadamente na cabeça, ocorreram a partir do momento em que ele começou a viver nas árvores. Tais transformações trazem implicações importantes à teoria do surgimento da linguagem: a aquisição de uma postura semi-vertical do corpo, o uso exploratório das mãos e o desenvolvimento da visão em detrimento do olfato permitiram o crescimento craniano e o aumento do encéfalo. Com o retorno do primata ao chão e o desenvolvimento da bipedia nos *Australopithecus*, ocorreu progressivo crescimento em leque das regiões cerebrais conhecidas como frontais, parietais e temporais. Este crescimento permitiu o desenvolvimento simultâneo dos centros neuroanatômicos de linguagem, expressão facial e atividade motora manual.

Ela parece diferente? Mais, ou menos próxima de um modelo de divulgação científica? Por quê? Veja que, depois de ler os três excertos, pode-se concluir que ao escrever artigos científicos é muito importante ter em mente a função que o texto assumirá. Geralmente, escreve-se esse tipo de texto a fim de informar e compartilhar métodos e/ou descobertas sobre determinados assuntos que interessam a uma certa comunidade, também chamada de auditório particular. Isso é, se um professor universitário, que estuda física

quântica, descobre uma nova metodologia de pesquisa experimental e escreve um artigo sobre sua inédita descoberta, estará provavelmente direcionando-o a um grupo acadêmico restrito e por isso precisará utilizar uma linguagem que englobe termos técnicos e peculiares àquele conhecimento. Caso a mesma descoberta se confirme e o pesquisador perceba que ela beneficia um grupo maior de pessoas e interessa a um auditório mais abrangente, esse mesmo texto pode ser reformulado e o linguajar extremamente técnico e direcionado a especialistas em física quântica pode ser transformado e produzir um texto informativo que tenha como alvo um público não especialista no assunto.

Assim, ter em mente que o texto será direcionado a um público específico garante que os resultados de divulgação sejam obtidos e essa reflexão sem dúvida auxiliará o pesquisador a escrever o resultado de suas pesquisas de uma maneira adequada e dinâmica.

Cabe ainda ressaltar que, tornar um texto científico mais palatável para o “público leigo”⁸ não significa subjugar a capacidade de compreensão do leitor e nem banalizá-lo; afinal se um pesquisador não for capaz de falar dos resultados de sua pesquisa fora do ambiente acadêmico em que ela é produzida, muito provavelmente ela não poderá ultrapassar esse ambiente e não terá a abrangência e a utilidade cabível.

Portanto, refletir sobre a linguagem adequada e conseguir produzir um texto pensando nos possíveis leitores é não só uma maneira de garantir a produção de um artigo de divulgação científica de qualidade, mas também uma garantia da validade e da inteligibilidade dos resultados da pesquisa.

Refacção Textual

Tão importante quanto ler, compreender e dominar o assunto principal de um artigo, é construí-lo e avaliá-lo. O que isso significa? Significa que não basta escrever o artigo sem relê-lo sob um prisma crítico. A importância do ato da reescrita de textos reside no fato de que provoca o diálogo do sujeito-autor com o seu produto-criado, possibilitando um relacionamento mais interativo com seu próprio texto (confrontamento, aguçamento e exclusão de enunciados).

Assim a refacção textual, juntamente com o planejamento e a adequação lingüística e discursiva, é ferramenta essencial para produzir um texto de qualidade. No entanto, nem sempre é simples ou fácil para o autor observarcriticamente o próprio texto; às vezes a explicação que se dá a um conceito parece suficiente, um rebuscamento lingüístico parece natural e um

⁸ Espera-se que o termo 'leigo' não carregue, de maneira alguma, nenhum tipo de valor pejorativo.

encadeamento lógico, fugindo ao padrão tradicional, não compromete a compreensão do artigo. Isso, porque o autor já conhece as idéias e definições e julga, por vezes, que explicá-las pode ser desnecessário ou repetitivo.

Mas nem sempre é assim. Muitas vezes a estrutura do texto está tão viva na memória do autor que ele suprime trechos subentendidos só para ele, de forma que o leitor, privado do acesso à memória do autor, fica perdido ou confuso. A refacção textual nesse sentido, e juntamente com o cuidado de adequar o produto intelectual a um determinado público-alvo, permite que esse deslize seja sanado.

O ideal é que duas ou três pessoas possam ler o texto e emitir uma opinião crítica sobre ele, auxiliando o autor a perceber possíveis lacunas involuntárias. Com a prática e o exercício contínuo, o próprio autor poderá fazer esta análise, desde que tenha em mente, desde o início, que naquele momento precisará enxergar o texto como alguém que nunca o leu.

Submeter a versão final a este processo certamente apontará um ou outro equívoco. Às vezes há um erro gramatical, às vezes falta a definição de um conceito ou de uma sigla, às vezes um trecho, da maneira como foi redigido, causa dúvida, ambigüidade ou confusão ou então há uma inversão no encadeamento lógico das idéias. Uma vez que tais equívocos são apontados, é possível obter uma versão adequada e eficaz.

Considerações Finais

Em nome da equipe organizadora, que contou com a supervisão da pesquisadora Luciana Alvim Santos Romani e com a pesquisa e a monitoria de Priscila Vicente, espero que os poucos conceitos vistos aqui tenham sido importantes e possam auxiliá-lo na escrita dos próximos artigos científicos. Vale ressaltar que o processo de escrita e de produção intelectual não é estanque, mas dinâmico. Assim, é preciso ler, pesquisar e treinar a escrita continuamente. Estas três práticas permitem maior apropriação do ato de escrever e promovem a obtenção de textos eficazes, claros e adequados.

A fim de ressaltar a importância da leitura e da consulta, algumas fontes de pesquisa, para auxiliar eventuais consultas, estão relacionadas nas Referências Bibliográficas. No geral, são livros de fácil acesso e que, se usados adequadamente, poderão sanar as dúvidas e as inseguranças que surgem no ato da escrita.

No mais, fontes de pesquisa e bons manuais de redação são também ferramentas úteis, que certamente, aliadas aos conceitos vistos aqui, auxiliarão a escrita dos futuros textos e artigos científicos que você irá produzir.

Referências Bibliográficas

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995. 431 p.

LYCOS INC. **Angelfire**: uso do hífen. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ar/rosa01/direito83.html>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

PORTUGUÊS.COM.BR. **Gramática da língua portuguesa**: sintaxe. 2001. Disponível em: <<http://www.portugues.com.br/sintaxe/colocpro.asp>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

UOL. **Michaelis - moderno dicionário da língua portuguesa**: emprego da crase. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/michaelis/crase.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

Bibliografia Complementar

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

EMBRAPA. **Manual de editoração**. Brasília, DF: Embrapa Comunicação para Transferência de Tecnologia, 2001.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de. **Gramática**: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe. São Paulo: Ática, 2005.

GRAMÁTICA ON-LINE. **Gramática on-line: Prof. Dílson Catarino**. Disponível em: <<http://www.gramaticaonline.com.br/>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

LEME, O. S.; SERRA, S. M. G.; PINHO, J. A. **Assim se escreve... gramática**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1993.

MARTINS, E. **O Estado de São Paulo**: manual de redação e estilo. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1990.

SCARTON, G. **Guia de produção textual - PUCRS**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/gpt/>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

TV CULTURA. **Alô escola**: nossa língua portuguesa. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/>>. Acesso em: 19 mar. 2007.

UOL. **Michaelis - moderno dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/michaelis/>>. Acesso em: 19 mar. 2007.



Informática Agropecuária

**Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

